OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem.....	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India..............	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1066

10 de Agosto de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

O CASTELLO DE LISBOA

(Fotografia do sr. Alberto Lima)

CHRONICA OCCIDENTAL

Os toiros são o nosso primeiro divertimento nacional. Esta simples palavra — Toiros! — como dizia Palmeirim, põe em alvoroto a capital, sacode os cocheiros da sua habitual monotonia, desfranze o sobrolho do negociante a retalho, desperta os sustos da mãe de familia, aguça a mobilidade chronica do janota, espicaça a indolencia do vadio, põe álerta o capricho da mulher que gasta por conta alheia, comove os bolsos paternos, invade finalmente a aristocracia em nome da tradição, e a plebe á voz desafinada da corneta que, á frente do bando, distribue pelas ruas da cidade o programa das festas do dia seguinte.

Como todas as grandes solemnidades, as corridas de toiros têm tambem as suas vesperas. O antigo bando, que andava por essas ruas distribuindo o programa e tocando estridulosos instrumentos de latão, do alto de fabulosos rocins, era já, por si só, uma festa. Tinha seu quê de fantastico, o bando! Eram homens diferentes de todos os mais, aquelles homens; diferentes de todos os cavallos, aquelles cavallos; o tambor tinha outro som; o cornetim dava outras notas; e o figles era um figles que não se parecia com nenhum outro figles... E o vestuario que elles traziam! O que distribuia os programas punha de esguelha sobre os hombros uma capa de paladino, e o chapéo ao lado, com plumas; os que tocavam vinham de véstia de mangas largas, umas calças que se lhes enroscavam na perna como trepadeiras, bonet de pala como os dos policias d'esse tempo, e dragonas! Havia ainda outro, o que conduzia a bandeira, de soldado romano, com um capacete que lhe tapava as orelhas e pretendia enfiar-se-lhe p'lo pescoço. A obrigação delles era correr assim as ruas principaes, mas sempre arranjavam as coisas de maneira a passar por certas travessas onde morassem pessoas das suas relações. E por ahi rompia a musica alguma das suas melhores sinfonias.

— Vocês, hoje, estão afinados que tem diabo! dizia uma.

— Olha o trombone como sopra, Malachias! Aquillo é um sopro de virar falúas!

Vinha toda a gente á rua, e a garotada era em barda, todos de mão estendida para apanhar o programa, o sedutor programa que dava o numero de toiros, os nomes dos cavaleiros, dos bandarilheiros e do lavrador, e prometia o intervalo dos pretos, o ideal dos brancos.

Pela madrugada, ia-se esperar o gado fóra das portas da cidade, uns a cavallo, outros de carro descoberto. Era outra festa. Ceava-se bem, e aba-

lava-se de seguida, cada qual a dar comsigo nas Marnotas. Ao som cavo dos chocalhos dos cabrestos succediam-se então as espiraes, os rolos, as nuvens de poeira, os gritos dos campinos, os assobios da turba, os relinchos dos cavallos, o propear do gado, o estoirar dos foguetes.

O alfacinha verdadeiro amador de toiros deixava-se então ficar nas proximidades da praça. A's oito começava a embolação, e o verdadeiro amador assistia á embolação; e emquanto o animal passeava descuidoso no circo, escavando na areia, com o verdejar luxuriante das lezirias ainda diante dos olhos, o conhecedor das raças analisava o ferro, discutia a côr, perscrutava os instinctos, sondava o cruzamento e decidia da frouxidão ou generosidade do sangue do bicho. A' tarde, quando o toiro entrava na arena, já o verdadeiro amador o conhecia por fóra e por dentro.

Domingo! Dia de toiros! Com o sol a pino, a cidade repousa, cheia de calor, num silencio parecido com o da hora das séstas nas terras tropicaes. Apenas no céo fumacento chiam as andorinhas, e sussurram em rodopio pelo macadam faiscante da rua as folhas sêcas, agitadas pelo bafo quente do suão. Subitamente, porém, pelas tres horas da tarde, uma enorme girandola de foguetes parte, esgrúcha no ar, rebenta estrondosamente nas alturas e desfaz-se em bombas, fumo e canas soltas, bamboleando no céo. Lisboa resurge então do letargo dominical, como ao som da trombeta do anjo no dia de juizo. Tudo estremece nesse misterioso abalo impulsivo de que fala um dos fulgurantes autores das *Farpas* — o povo, a burguesia, a nobresa, as pilécas das tipoias, as bilhas da agua fresca, as limonadas de cavalinho, os leques, as mantilhas, as flores e as plumas dos chapéos, as môscas e a poeira... E de tudo parece sair o grande grito peninsular, unisono, estridente, victorioso e arrebatante:

— Aos toiros!

Jucunda e gloriosa, sob o azul do céo, regorgita a praça de gente impaciente e ruidosa. Estrondeia um passo dobrado nos metaes cahoticos da charanga. Moços de jaqueta branca, e regador em punho, burrifam a arena, acalmam o pó olympio. Ao comando do clarim, entra a quadrilha, que logo estaca em parada reluzente de oiro, palpitante nas capas, nas fitas e nas plumas, ao som do hymno. E nos logares do povo, em metade do amphitheatro, o sol dardejante, num incendio de apotheose, bate de chapa os lenços azues, as cintas vermelhas, os barretes verdes de campinos, os latões das cornetas, põe numa fogueira de festa a estrondeante alegria da alma popular.

Entram os cavalleiros para as cortezias. Fazem-se as cortezias. E, de seguida, sem demora, tudo se apresta para a lide que começa. Toca o cornetim, bate o moço do curro á porta por onde vae sair o toiro, abre-se a porta e o toiro sae! Picado o toiro pelo cavalleiro, bandarilhado e passado á capa, chega o momento solemne. Um fremito intensissimo percorre toda a trincheira da sombra e do sol, e retumba este grito:

— A' unha!

Desenrola-se então o quadro typico que a penna de Ramalho incomparavelmente descreveu.

Disgrega-se o forcado do grupo de valentes que nessa manhã chegaram de Alcochete ou de Aldeia Gallega; e só no campo, desafogado, adeanta-se para o bicho, em costume de gala: jaleca de ramagens, calção d'anta, cinta encarnada, meias bordadas, sapatos de salto de prateleira. O seu aspecto cheira ao sol da leziria, ao rosmaninho da charneca, e á terra revolvida pelas charruas. Alto, esguio, musculoso, desempenado, aprumado, a tez morena tostada pelas soalheiras, o sangue a denunciar-lhe a proveniencia sarracena, que em tudo se lhe acusa, quer nas acentuadas linhas do seu typo incontestavelmente mosarabe, quer na decidida sympathia do instinto que elle mostra pelas côres do seu trajo, quer na mobilidade vivaz da sua fisionomia. Palpita-lhe a força em cada musculo, canta lhe a saude, vermelha e salgada, em cada póro da pelle. O toiro investe com elle pela barriga. Elle empolga o toiro de frente, por entre os cornos, escarrancha-se-lhe na cara, e afocinha o no chão. Não ha no mundo espectaculo mais bello de virilidade, nenhum outro ha mais legitimamente portuguez. Grande péga! sim senhores... Boa péga!

N'uma praça de toiros os espectadores são complemento obrigado do espectaculo. Sem um calor de abrasar, sem assobios, sem sôcos, sem fumo, sem poeira, sem charanga, sem insulto, sem piada, sem muita algazarra, não ha tarde de toiros que preste, não ha capinha que se electrise, nem forcado que se atire ás armas do inimigo, nem cavalleiro que se arrisque á meia volta, nem preto intervaleiro que se roje pelo chão como a serpente, e que o animal enfurecido tome nos paus, e deixe depois estirado na arena.

Ha quem leve a paixão pelo espectaculo a vêr tudo o que se passa no circo antes mesmo de começar o espectaculo! Ha amador tão dominado pelo vicio, que assiste inalteravelmente ao recolher do gado para o curro, ao varrer e regar da praça, aos primeiros meios quartilhos com que o preto se conforta, ao aparecimento da autoridade no camarote. O espectador do lado do sol não desarreda o pé do seu posto, quer a poeira lhe entre ás lufadas pela boca dentro, quer o suor lhe corra em bagas lusentes pela cara abaixo. O bafejado da fortuna, o espectador do lado da sombra, esse, para em tudo ser feliz, até se recosta á capa que lhe emprestou o artista, com a mesma benevolencia com que os reis põem ás vezes no peito dos benemeritos as veneras com que enfeitaram as proprias fardas. Ha amador para quem uma farpa ensanguentada dada pela mão do bandarilheiro com renome, vale mais do que um sorriso de prima-donna...

João Prudencio.

DESABAFO TRISTE (1)

Nunca mais?!

Saio de casa despreoccupado, é n'ella, na filha do meu sangue e do meu espirito que vou pensar, continuando a acautelhar lhe o porvir, que eu sonhava risonho; volto sem demora grande ao lar do meu encanto, ao sacrario do meu affecto, e encontro-lhe o cadaver ainda quente!

Que irrisão do destino atroz! que tremenda selvageria da morte! que cruel supplicio do amor d'um pae!

Entretanto, offereço resistencia á dôr pungente, comprehendo me forçado a determinações urgentes e tenho a precisa coragem para arrancar-me da presença da morta e ir pessoalmente concertar o plano e combinar a hora em que houvesse de ser-me roubado para sempre o seu corpo sem vida.

Caminho tomado e estonteado por febril pasmo, e deparam-se-me conhecidos a quem falo sem que suspeitem do que em mim se passa de lancinante e horrivel.

N'aquelles primeiros momentos sinto-me opprimido por um peso inexplicavel que a falta das lagrimas converte na imminencia de grave perigo.

Oh! como teria sido bello então, um novo assalto da morte juntando na mesma jazida a filha e o pae desolado!

Virginal creança, por surpreza succumbiste e o dia em que o raiar da aurora haveria de alegrar o coração do teu infeliz progenitor, por ser o do teu anniversario natalicio, natalicio de desoito primaveras, ficará sepultado nas sombras do silencio tumular onde só dormem os mortos e vivem saudades fundas!

Felizmente, agora, já o orvalho suavissimo da lagrima é lenitivo grato ao golpe irreparavel que me fére no mais intimo d'alma, e até, singular psychologia, começo a acceitar como inequivoco testemunho da suprema justiça a gargalhada subita e brutal da morte que assim lançou o luto na minha esperança venturosa!

Accusa me a consciencia de ingratidões porventura imperdoaveis e de levianas precipitações de que eu proprio fui instrumento, não me accusa de crime.

N'este mundo, pois, é rasoavel que se recebam todos os salarios vencidos, seja qual fôr a natureza dos serviços prestados.

Nunca mais?!

Certissimamente, creio.

Permanecerei sem ti n'esta morada de quotidianos desenganos e de illusões falazes, e emquanto o teu corpo sujeito ás leis da natureza no seu laboratorio grandioso perde a forma e o conteudo, emquanto a acção e reacção physico-chimica operam no sentido da completa desagregação mollecular, mais e mais se grava no meu espirito a tua imagem estremecida, maior culto presto á tua memoria que só com a vida se me apagará da mente.

Morreste! feneceste quem sabe, se, para espinhos e agruras, para ardorosas remmettidas de males e para alvares despêjos de insensatos?!

De tudo se compõe a fraca existencia n'esta oscillante estação de vales da miseria, sendo muito mais frequente o motivo de gemer e de chorar que a causa de risos e de gôsos.

Para os que baquêam nas andadas da vida finalisa todo o soffrer angustioso, cessam todas as penas e todos os remordimentos.

Nem asperêsas de novo avultam e conturbam ameaçadoras, nem prismas de louçania exaltam e avigoram, nem harmonias de sons e aromas de flôres seduzem e embriagam, nem mais é fascinante o diluculo da madrugada e deliciosamente triste o crepusculo do occaso! tudo tem acabado e tudo se evapora, tal como o sonho, como a nuvem de incenso, como o gaz, imponderavel quasi!

Somos talvez egoistas, pranteando os que desertam para a eterna viagem.

A elles já não alcança o rumor da intriga mesquinha e a verdadeira peste da vilissima calumnia, na penetrada peripheria do insondavel mysterio do Além, se alguma coisa existe em nós que seja extranha ao corpo e furtiva á decomposição da morte, n'essa penetrada peripheria d'onde ninguem regressa possuem a trincheira invencivel e o castello invulneravel!

Nunca mais?!

Esmagadora interrogação, fatal torniquete inquisitorial, grelha rubra ao fogo do desespero da duvida, amaldiçoada perseguição dos enlutados,......... perdoae, Senhor! é evidente a immacencia facunda do teu cunho creador, a Natureza e os mundos são apenas simples aras suspensas no seio immenso do espaço infinito, para ti o tempo não tem instantes nem a luz intermitencias de esplendôr, o hontem, o hoje e o amanhã que nos medem o estreito horisonte nada significam na tua esteira deslumbrantissima, és, Senhor, e baste-nos que sejas!

O agudo grito da mãe piedosa, a dôr incomparavel do pae vendo morta a filha querida, ha de por força repercurtir-se em ti, ó Deus, e não póde deixar de aprazer á Tua Justiça incorruptivel o sanccionar o puro amor, não permittir que haja de perder-se uma lagrima sentida.

Se Tu não fôras, muito exotica seria a viscera do lado esquerdo do nosso peito, inutil e absurdo o seu pulsar latente!

26 de julho de 1908.

D. Francisco de Noronha

(1) Acompanhamos em sua dôr o nosso querido amigo e assiduo colaborador desta revista, sr. D Francisco de Noronha, a quem a morte levou prematuramente sua unica filha D. Maria da Luz na primavera da vida.

A Redacção.

O CASTELLO DE LISBOA

«E' o edeficio que solta o ultimo «arranco e vai ajunctar mais uma «ossada a milhares dellas que jazem «sob os pés da povoação recente.

Alexandre Herculano

(P.º do *Monge de Cistér*)

I

Quem quizer fazer uma visita de estudo a este venerando monumento, que lhe dê principio pela rua do Milagre de Santo Antonio, onde subindo da chamada Costa do Castello, achará, no muro d'uma propriedade hoje pertencente ao sr. conselheiro Henrique de Gouveia Prego, os vestigios da antiga e historica porta chamada da Alfofa que se abria ao cimo da calçada de S. Crispim, hoje escadinhas d'este nome.

Diz a lenda que foi ahi que o glorioso Taumaturgo veio a salvar seu pae da forca, quando já era levado ao supplicio, e d'ahi o nome da rua do Milagre de Santo Antonio que hoje ainda conserva. Esta porta, por muitas razões digna de cuidadosa conservação, foi derribada pelo camartello civilisador dos barbaros modernos.

A ella se prende tambem uma outra tradição que não resisto a mencionar aqui, tal qual a li n'uma curiosa obra antiga denominada, «*Academia dos humildes e ignorantes*, e que vem transcripta a pag. 184 do 5.º vol. do Archivo Popular.» Eil-a:

«*Antiguidades de Lisboa*
«*Monstruosa fabrica subterranea.*

«Defronte da porta do castello de Lisboa, que «era chamada de Alfofa, (1) estão humas casas «que forão do desembargador Manoel Pinto de «Mira; estas casas tem hum quintal com parrei-

(1) Está no fim da calçada de S. Crispim da parte de cima.

«ras, e muro para a parte do seminario de S. Pa«tricio (fundado por Antonio Fernandes Ximenes) «nelle huma pequena estrebaria, na qual ha huma «cisterna, que tal não foi primitivamente, nem «será facil saber se o seu principio, e o que hoje «he, tem bocal de poço de pedra, que lhe fizerão «ha poucos annos; (1) porém mostra que foi acha«da por acaso, porque a abobada he monstruosa, «e mostra que foi quebrada para ver o que con«tinha; he tão grande, que dizendo se huma pa«lavra no bocal, a repete o éco inteira e clara «quasi um quarto de hora; tem tanta agua, que «nunca com bombas se pode diminuir, e menos «esgotar; *he tal a sua grandeza, que se cre oc«cupa por baixo a maior parte da cidade, e que «vai parar ao mar;* este juizo fez hum buzio, que «andou n'ella hum dia inteiro buscando o cada«ver de hum moço que nella se affogou; e hum «clerigo, que morou nestas casas, desceu pelo «bocal atado com uma corda, e hum archote ac«ceso; mas apenas vio a grandeza do seu ambito, «e a monstruosidade das columnas, assim no nú«mero como na grossura, perdeo o alento, e pe«dio que o subissem logo. Com hum prumo se «conhece que tem escadas grandes debaixo da agua da parte da rua, onde se presume foi a porta «algum dia; nunca diligencia alguma humana «póde descobrir d'onde lhe vem a agua, e aliás «com o mais leve chuveiro se ouve dentro tal su«surro, como a corrente de hum caudaloso rio; «e he tal a abundancia d'agua que recebe no in«verno, que sendo a sua grandeza tal, *que certa«mente occupa por baixo todo o castello* e todo o «mais da cidade até o már (como julgou o buzio «ou mergulhador) transborda a agua pelo bocal «nesse tempo: muitos julgão que isto foi o mais «célebre templo do gentilismo na Lusitania; ou«tros que a primeira e mais decantada mesquita, «e que a entrada era pela rua de S. Crispim. «Ignoramos que damno lhe fez o terremoto de «1755; mas julgamos ser a fabrica mais digna da «averiguação dos curiosos d'este reino.» (Conservamos tal qual a orthographia e a pontuação.)

Para que se me desculpe esta divagação, allegarei, que, ficando junto á porta da Alfofa a decantada fabrica, e dizendo *os illustres academicos*, que lhes parece occupar ella todo o monte do Castello, eu não podia deixar de pedir ao leitor um instante de attenção para esta *lenda*, que, seja dito de passagem, tem sido para muita gente boa, causa de paciente estudo, e tanto o foi, que alguem, ha cinco, annos teve o prazer de matar a charada, dando com a occulta cisterna. Não ha muito tempo que os srs. condes de Seisal e Mangualde (Fernando), tentaram uma descida pelas escadas, que de facto ali se encontraram, mas infelizmente, entaipadas a certa altura.

Assisti a essa tentativa, e comigo muitas outras pessoas, entre ellas o meu querido e velho amigo D. Caetano de Bragança (Duque de Lafões) a quem ficará de certo na memoria a exploração archeologica, por uma tremenda constipação, que apanhou com o frio e humidade que estava n'aquelle logar. Bom seria que elle consentisse que um documento do seu archivo, que faz a maior luz sobre este caso (e o qual já vi) pudesse servir de guia a uma exploração n'estes logares. Mas, deixando este estudo, que um dia se fará com mais, vagar, e os elementos necessarios; subamos agora pela encosta chamada da Alfofa, (hoje rua de S. Bartholomeu,) até á segunda porta do Castello, que actualmente é a entrada principal d'elle.

Esta porta está revestida d'uns mosaicos e ornatos de pedra, que das ruinas da velha igreja dos Loyos, ali proximo, mandou tirar um zelozo governador, que, na sua febre de *embellezar* (mania que tem feito peor do que os estragos do tempo), tudo estragou do pouco que o terremoto de 1755 tinha deixado de pé. Em vez de porta de castello, ficou um portico com seus ares de altar-mór, dando ás imaginações mais vivas a ideia d'um guerreiro a quem lançaram aos hombros uma capa d'aspérges. Lógo á entrada, á esquerda, está uma lapide com versos, que por signal não são do poeta ali mencionado. E' uma memoria louvando os *melhoramentos* feitos pelo já citado governador. A' mão direita, e um pouco acima d'esta lapide, está um portal antigo que pertenceu á ermida do «Espirito Santo, de que ha tradição, se «fundára quando se descobriu a India, pelos na«vegantes d'aquelle Estado, e fundou-se no tempo «d'el-Rei D. Manoel» (sic). Assim o diz o padre Carvalho da Costa, ao descrever a parochia de Santa Cruz do Castello.

Subindo sempre e entrando na primeira rua que nos fica á esquerda, passando o quartel do Batalhão de Caçadores 5, se vai dár ao largo do Chafariz, vendo-se lógo em frente a porta que dáva entrada para os Paços da Alcaçova, junto do qual se vêem as armas do Reino, como as usou el Rei D. Affonso III, em tudo semelhantes ás que na torre da Honra de Flôres, ainda ha pouco se viam. Sobre a ogiva, está a esphéra armilar, divisa d'el-Rei D. Manuel.

Quantas coisas nos saltam á memoria junto dos umbraes d'aquella porta que tantos heróes viu passar?!

Que de scenas ali se podiam reconstituir?

As cavalgadas brilhantes de D. Diniz e da Rainha Santa.

As noites festivas d'el Rei D. Pedro I, em que o *Cru ou Justiceiro*, esquecido de suas mágoas, dos cuidados do seu Estado, se entregava á *folia*, a sua dança favorita; como succedeu, na occasião d'armar cavalleiro a D. João Affonso Tello, em que do Paço d'Alcaçova desceu a S. Domingos, por entre cinco mil tochas, que, d'um e outro lado do caminho, ardiam, e lá foi dançando *e foliando* com toda a côrte que o seguia; dizendo então as palavras que ficaram: «Eu assento que nada fica mal á realeza quando se trata de honrar a virtude»; referindo-se ás do novo cavalleiro.

A entrada ali, á noite, da Rainha D. Leonor Telles, depois da morte do Conde de Andeiro, quando se viu obrigada a deixar os Paços de apár S. Martinho.

O que narram, dos ultimos dias de D. João I, nas suas memorias, Capitulo LIII, pag. 268, e se encontra por esta fórma descripto:

«Adoecendo mortalmente El-Rei não tanto pe«los muitos annos que tinha, quanto pelos gran«des trabalhos, que passara em toda a sua vida, «com tão crueis, e tão continuas guerras, e duvi«dando os medicos da sua melhoria, e parecendo «conveniente ao seu achaque o mudar de sitio, «resolvêrão, que fosse para a Villa de Alcochete, «situada da outra parte do Tejo, que a banha com «as suas aguas, e dista de Lisboa três legoas; e «passando para ella, depois de poucos dias de as«sistencia, se sentio mais queixoso, e conhecendo «que a vida se lhe hia acabando, tornou para Lis«boa, e foi para os Paços do Castello, que para «este fim se havião concertado, e achando-se com «mais algum alento, se fez levar á igreja da Sé, e «por defronte da capella do grande Martyr S. Vi«cente (de quem era devotissimo), aonde se vene«ra o seu corpo glorioso, e depois de se lhe dizer «solemnemente missa, que elle ouvio com ternura, «e piedade, com a mesma se encomendou ao San«to; e vendo que a obra da Capella-mór, que por «ordem sua se havia começado, estava por aca«bar, mandou logo chamar os mestres, e alli mes«mo se fez o orçamento do que podia custar o «que ainda faltava, e ajustada por maior a sua «importancia, antes que dalli sahisse, fez trazer a «dita quantia, e a entregou aos Conegos, para que «se continuasse a obra, até a sua ultima perfeição; «e despedindo-se do Santo com a mesma devo«ção, e affecto, o conduzírão dalli para a Igreja «de Nossa Senhora da Escada, junto a S. Do«mingos da qual era igualmente devoto, e que «tambem mandara renovar), e feita a sua oração «com a mesma efficacia, voltou para o Paço; po«rém chegando a elle, se achou tão molestado do «aballo do caminho, e se lhe aggravou de sorte «a enfermidade, que justamente entendeo, que «lhe duraria pouco tempo a vida, e aproveitando«se deste conhecimento, se dispoz para a morte «com todos os Sacramentos de Catholico, e com «muitos sinaes de predestinado...............

....

«Morreo enfim este glorioso Principe, este fa«moso Rey, este invicto Monarcha aos 14 de «Agosto de 1433, vespera da gloriosisima Assum«pção de Nossa Senhora, dia para elle sempre «feliz, e sempre memoravel, não só porque em «outro tal dia se livrou da morte, que nelle lhe «dispunha huma conjuração, mas pela famosa «vitoria, que nos campos de Aljubarrota alcançou «das armas de Castella, com a qual segurou a «Corôa, que trémula, ou vacilante se lhe não sus«tentava na cabeça. Neste dia faustissimo conta«va setenta e seis annos, quatro meses e três dias «de idade, pois nasceo aos 11 de Abril do anno «de Christo de 1357, que então erão 1395 da Era «de Cesar, como fica mostrado, e neste mesmo «contava tambem quarenta e oito annos, quatro «meses, e oito dias de Sceptro, desde seis de «Abril do anno de 1385, e 1423 da dita Era, em «que foi acclamado Rey, ou para dizer melhor, «quarenta e nove annos, sete meses, e vinte e oito «dias de dominio, desde 16 de Dezembro de 1383, «e da mesma Era 1421, em que foy eleito Defen«sor, e Regente do Reyno.» (Obra citada.)

Ruy de Pina, na *Chronica do Senhor Rei D. Duarte*, Capitulo I, descreve mais minuciosamente o passamento d'este grande portuguez. Se mais náda houvesse para tornar sagrados aquelles lugares, bastaria ter ali soltado o ultimo suspiro o Mestre d'Aviz, para que ninguem ouzasse pensar em transformar estes, para nós, *logares santos*, n'outra coisa que não seja o que hoje são: umas gloriosas ruinas.

Mas, voltando á porta d'Alcaçova, onde ficámos pensando no que ali foi passado, não deixemos de recordar todos os factos que se relacionam com estes logares, os mais historicos do paiz. Transpoz aquelles humbraes o ataude do Mestre, seguido dos Altos Infantes, quando o levaram a sepultar no seu Mosteiro da Batalha. Ali passaram muitos homens que noblitaram a nossa historia, por armas e letras. Ali nasceu o Principe Perfeito, e, algum tempo, teve sua côrte. Ali, o seu successor, El-Rei D. Manuel, o Venturoso, deslumbrou a Europa inteira com a sua opulencia e grandeza, causa d'admiração e inveja de grandes e omnipotentes principes.

Mas entremos no recinto da Alcaçova.

(Continúa.)

JULIO MARDEL.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

OUIDA

(Continuado do n.º 1065)

VIII

A' noite estava ella ordinariamente em casa. Não ia por ora a bailes nem a theatros. A sua casa concorria a sociedade aristocratica de Veneza, e os estrangeiros de mais distincção. De noite nem Adrianis nem Damer a encontravam só; mas, durante o dia, na ilha ou nas excursões maritimas, succedia algumas vezes estar um ou outro junto de ella, sem ninguem os escutar.

Adrianis procurava ardentemente essas occasiões; Damer nunca parecia busca-las. Muitas vezes estava na ilha ou no palacio de ella, mas parecia achar-se alli principalmente por ir onde Adrianis ia. Ninguem poderia dizer que elle experimentava prazer n'isso.

Adrianis, porém, um tanto surprehendido com a sua prolongada demora, pensou de si para comsigo: «Elle devia estar em Gottenberg a 10 de maio, e estamos já a 23.»

— Pedistes a vossa exoneração? — lhe perguntou elle uma vez.

Damer respondeu simplesmente: — Não. E não deu explicação nenhuma; mas continuou a estar em Veneza, comquanto se tivesse mudado dos magnificos aposentos occupados pelo seu amigo para uma casa nos Fondamenti Nuovi, onde alugara dois quartos.

Adrianis, que era muito generoso e tinha sempre um sentimento grato e importuno de obrigação em divida, em vão instou com elle para permanecer no seu hotel. Mas Damer, com alguma rudeza, recusou.

— Não posso alli fazer estudos nenhuns — respondeu elle.

A habitação que escolhera era escura e pouco convidativa, pois ficava entre o som agudo do martellar dos caldeireiros, e o fetido das fundições, no sitio que fôra outr'ora o mais patricio e bello bairro ajardinado de Veneza, mas era agora sujo, denegrido, cheio de fumo, de gritaria, baixo, vil, onde em outros tempos os terraços cobertos de rosas e as pergole recamadas de clematites desciam para a laguna, e as escadas de marmore eram brancas como a neve por baixo dos toldos de seda.

— O que fazeis alli? — desejava perguntar-lhe Veronica Zaranegra; mas nunca tal fez; experimentava um susto vago como uma mulher da edade media teria receado perguntar a um nigromante o que fazia elle com os seus alambiques e espheras.

Muito embora os olhos dos namorados sejam proverbialmente lavados pelo collyrio do ciume, os de Adrianis foram cegos á paixão que Damer, como elle proprio, tinha concebido. A reserva e o imperio sobre si eram extremos em Damer, e serviam para occultar o seu segredo ao espirito não muito penetrante do seu companheiro. Além

(1) Isto foi escripto no anno de 1758.

† Vestigios da porta de Alfofa, na rua do Milagre de Santo Antonio, onde, segundo a lenda, o Taumaturgo salvou o pae da forca.

Bastiões da primitiva muralha, no largo do Chão da Feira

Porta junto á torre de Ulysses e serventia para o recebimento do Paço da Alcaçova — A Torre de Ulysses

d'isso, o orgulho de raça nado e creado em Adrianis tornava-lhe impossivel suspeitar que tivesse um rival n'uma pessoa, que, embora mentalmente superior, era muitissimo inferior socialmente, a elle e á mulher a quem amava.

Que um homem, em vesperas de ir receber um estipendio como professor n'uma universidade da Allemanha, pudesse levantar os olhos para Veronica Zaranegra, parecia cousa absolutamente impossivel para quem se tinha creado nas maximas patricias e conservadoras. Nunca deu noticia dos fogos que sopitavam nos frios olhos muito abertos do seu amigo e mentor. Nunca observou quão frequentemente o espreitava a elle e a ella, quando estavam juntos, escutava de longe a sua conversação, e invariavelmente os interrompia em todo o ensejo em que as suas palavras descahiam para assumptos mui ternos ou familiares. Elle proprio estava terno, apaixonado e romanticamente enamorado; o seu genio estava impregnado de um romance, ao qual não podia muitas vezes dar expressão adequada; o seu amor por ella tinha a timidez de toda a paixão nascente e sincera; atormentava-o e enfurecia-o o modo por que ella evitava a sua definitiva declaração de amor, mas nem sequer por um momento o attribuia á sua verdadeira causa — a influencia magnetica que o inglez tinha sobre ella, a hesitação que lhe era motivada por vaga suggestão hypnotica. Se acaso algum observador o tivesse avisado, ter se-ia rido e dito que eram passados os dias da magia.

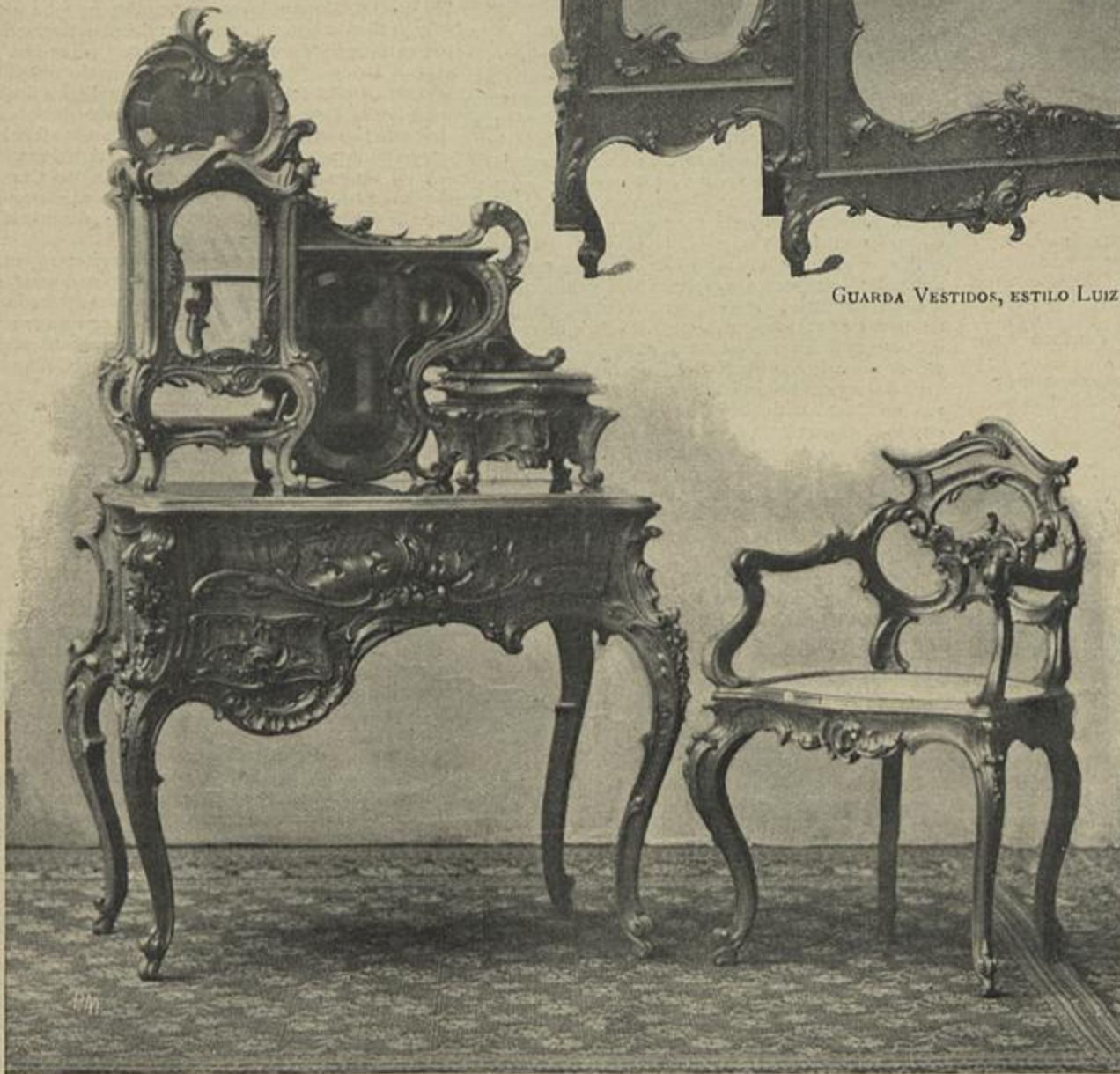
Elle mesmo só contava o tempo pelas horas que o levavam á presença de ella na agua, na ilha ou nas recepções nocturnas do palacio. Dava festas e passeios maritimos de prazer para lhe agradar; tinha mandado vir o seu *yacht* de recreio de Palermo. Os longos e suaves dias da ultima primavera e do principio do verão decorreram n'uma serie de en-

Uma das faces do pateo ou recebimento do Paço da Alcaçova

(Fotografias do sr. Alberto Lima)

Alfredo da Fonseca

Manoel R. dos Reis

Guarda Vestidos, estilo Luiz XV

Secretária e cadeira, estilo Luiz XV
MOBILIARIO DA FABRICA REIS & FONSECA

genhosos passatempos, cujo unico escopo era obter um sorriso de ella, que se sorria muitas vezes, com a formosa scintilação da mocidade e da vontade que tem a mulher de ser adorada, como o sol a refulgir no mar. Algumas vezes tambem o sorriso expirava de subito quando, a distancia, os seus olhos se encontravam com os de Damer.

Tudo o que havia de mais delicioso na vida se lhe offerecia na imagem de Adrianis; a boa vontade da mãe de elle, o seu clima meridional, o seu grande amor, a infinita ternura e brandura de genio, a grande belleza physica. Suspirava ella por receber esses grandes dons; suspirava por sentir os braços de elle cingidos em torno de ella, com o rosto unido ao rosto; e, todavia, hesitava, demorava, evitava, porque nos olhos de outro homem, a quem não amava e temia, lia zombaria, desdem e superioridade. Tanto podia dizer o que sentia como o podengo novo o que o move, quando fita olhos humanos, e lê n'elles auctoridade, e se roja em adulações, trémulo.

Porque estava elle aqui?

perguntava ella a si mesma, este homem frio, tranquillo, irresponsavel, de todo em todo alheio á roda juvenil e amante do prazer em que elle se encontrava, e que já deixara passar o tempo da sua admissão á universidade para a qual fôra nomeado.

— Não estaes a perder tempo — lhe disse ella uma vez. — Somos tão frivolos, tão ignorantes, tão differentes de vós.

—Eu nunca perco tempo? – respondeu Damer. Uma amœba n'uma poça sobre a areia é companhia sufficiente para mim.

Vendo que ella não fazia idéa do que elle dizia, accrescentou:

— Um homem de sciencia é como um artista; a sua arte está em toda a parte, onde existem fórmas naturaes.

— Ou como um *sportsman* — disse Adrianis, que os escutava — o seu *sport* está em toda a parte, onde ha creaturas vivas para matar.

— Julgae o assim, se vos apraz – disse Damer. Mas ficou aborrecido; não gostava de que alguem que elle considerava tolo lhe respondesse intelligente e sarcasticamente. Fosse o que fosse que Adrianis dissesse, irritava-o, comquanto elle fosse quasi perpetuamente cortez e simples, como era proprio da sua indole.

Damer lia no coração do mancebo como n'um livro aberto, e sabia que a imagem de Veronica o enchia completamente. Não gostara nunca de Adrianis; não lhe aprazia a mocidade ou a belleza physica, a bondade, a doçura e simplicidade de caracter. Taes qualidades destoavam de elle; e não eram para elle mais que o pêlo macio e basto do gato no seu laboratorio, gato que elle estripava para lhe pôr bem a nú a espinha dorsal; a pelle formosa e quente era nada para a sciencia.

Salvara a vida de Adrianis, porque isso o tinha interessado e recompensado para o fazer; viajara com elle durante um anno, porque assim lhe conviera financeiramente. Nunca, porém, gostara de elle; nenhum dos muitos actos generosos e delicados do mancebo o tocara, nem a confiança que a mãe de Adrianis continuamente mostrava nas suas cartas depositar n'elle. Quando o ciume está assentado no limiar da alma, em vão batem para entrar a benevolencia, a bondade e a fé. A inveja é o odio em embrião: no ventre do tempo aguarda apenas nascer.

(Continúa). ALBERTO TELLES.

Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

Fabrica de Moveis de Reis & Fonseca

Entre os expositores portuguêses que concorrem á Exposição Nacional do Rio de Janeiro, figura vantajosamente a fabrica de moveis dos srs. Reis & Fonseca, grande estabelecimento industrial de Lisboa, instalado nas lojas do palacio Palmella, no largo do Calhariz, onde tem seus armazens de venda com depositos e oficinas na rua dos Caetanos.

Este estabelecimento apesar de ser relativamente moderno, pois foi fundado em 1903, conta trabalhos importantes em mobilias de varios generos, taes como as que forneceu para o Grande Hotel de Inglaterra, Real Associação de Agricultura Portuguêsa, Casino Internacional do Monte Estoril, Companhia das Aguas, Companhia de Seguros *A Lusitana*, Empresa Nacional de Navegação, além de muitas e ricas mobilias para casas particulares.

E' esta a melhor recomendação que se impõe a qualquer industria, a dos seus produtos terem boa aceitação, mas para assim acontecer é preciso que o industrial tenha competencia para dirigir os trabalhos, e muito especialmente quando esses trabalhos dependem do bom gosto e arte para os fazer. Ora essa competencia tem-n'a os srs. Alfredo da Fonseca e M. Ribeiro Reis, que compõem a firma Reis & Fonseca, e por isso os moveis produsidos na sua fabrica a vapor, com maquinas das mais aperfeiçoadas, encontram no mercado facil colocação.

Os moveis da marcenaria dos srs. Reis & Fonseca, reunem a solidez indispensavel e a belesa decorativa, que hoje se exige na mais simples mobilia.

Uma prova é a secretária e cadeira renascença, fantasiadas sobre motivos de estilo Luis XV, de rara belesa, como se póde apreciar pela gravura que publicamos. São estes dois moveis que os srs. Reis & Fonseca enviaram á Exposição Nacional do Rio de Janeiro, onde, sem duvida, devem figurar distintamente entre congeneres que ali se apresentem, evidenciando a arte e bom gosto com que em Portugal se está fabricando mobiliario, que não teme a concorrencia de outros países, acaso mais adeantados.

Estas e outras surpresas reserva a Exposição do Rio de Janeiro, para os que desconhecem o grande progresso que muitas das nossas industrias tem realisado nos ultimos annos.

Na exposição permanente dos armazens dos srs. Reis & Fonseca, podem-se vêr moveis de tão bom gosto como os que enviaram á Expocição Nacional do Rio de Janeiro, assim como obras de estofador e decorações, tanto de produção nacional como estrangeira.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XV

SUMMARIO

Aditam-se mais algumas noticias ao capitulo anterior — Fala-se dos antigos impressores régios — Seus privilegios e distinções — O problema do soneto extemporaneo — Citam-se as primeiras obras impressas em Portugal — A real oficina tipografica — Auxilios e achêgas eficazes — A fabrica das cartas de jogar — Sua anexação á Imprensa — As fabricas de tipo de Jean de Vileneuve e de Henrique José Beringue — A oficina tipográfica do Real Colegio dos Nobres — Nicolau Pagliarini e Miguel Menescal da Costa — Varios decretos e alvarás concernentes á administração da Imprensa Régia — O famoso administrador Annes da Costa – Sua excelente administração — Frei José Mariano da Conceição Veloso e a Casa Literaria do Arco do Cego — A Imprensa e a politica — A fabrica de papel em Alemquer e a junta administrativa da Imprensa — Compra-se o edificio da Imprensa aos herdeiros do Noronha — Bartholozi e a aula de gravura — Rodrigo da Fonseca Magalhães, Antonio de Oliveira Marreca e os irmãos Marecos — Proveitosissima administração destes ultimos — Suas viagens ao estrangeiro — Estado actual da Imprensa Nacional — Citam-se duas visitas regias — A famosa coleção dos retratos, existente no velho edifi.io — Acaba com elles o capitulo.

Um rapido aditamento ao capitulo antecedente.

Por provisão datada de 1765, foi concedida a D. Rodrigo Antonia de Noronha e a sua mulher D. Maria Antonia Soares de Noronha a subrogação, com o conselheiro José Francisco da Cruz Alagôa, de um pedaço de terra, do seu morgado, por um padrão de juro real de 40$000 réis, assentado na Intendencia dos armazens (1) e, mais tarde, a subrogação do fôro por outro padrão de juro real de 85$000 réis annuaes. (2)

Por outra provisão de 16 de abril, do mesmo anno, foi, aos mesmos, permitida a subrogação, por um padrão de 16$000 réis, assentado na Intendencia dos armazens, de outro pedaço de terra, *no principio da travessa que sobe da rua de S. Bento para a rua da Fabrica da Seda, junto ao arco das aguas livres*, isto é, ao principio da actual rua do Arco, onde hoje tem os seus jardins de ensaio de floricultura o sr. Frederico Daupias. (3)

Outro terreno atraz das casas de D. Rodrigo e junto ás de Cruz Alagôa foi tambem subrogado entre elles, pelo fôro annual de 30$000 réis. A provisão que autorisa a permuta tem a data de 23 de maio de 1757. Da avaliação respectiva constam as demarcações exactas do terreno subrogado, que servia de pedreira, situado atraz das casas do conselheiro Fazenda *e pega desde a esquina da obra nova que elle está fazendo na rua Direita e ha de destrocer* (sic) *pela dita esquina até entestar com os muros dos quintaes das casas da rua de S. Bento.* (4)

Ainda de outra subrogação tenho noticia, que foi a de um chão confinante com a rua direita, *incapaz de cultura e sem edificios* por um padrão de juro real de 16$000 réis. (5)

Como se vê por estas subrogações, feitas logo a seguir ao terramoto, em poucos annos se fragmentou a quinta de D. Rodrigo com a mesma rapidez com que a casa se ia individando e comprometendo.

Em 1774, já falecido D. Rodrigo, representou, a el-rei, a sua viuva solicitando a nomeação de administradores para o morgado, que se achava *em confuso e deploravel estado*, sendo nomeados, por decreto de 28 de outubro desse anno, o desembargador José Luis França e o negociante José Ferreira Coelho.

(1) Processo 2034-29 da coleção *Desenbargo do Paço* (Extremadura e côrte) — Torre do Tombo.
(2) Processo 2084-46, idem idem.
(3) Processo 2068-83, idem idem.
(4) Processo 2068-5, idem idem.
(5) Processo 2968 12, idem idem.

Como este ultimo se escusasse mais tarde, foi nomeado, em seu logar, outro negociante de nome José Domingues que, com o desembargador, tomaram conta da administração, por meio de balanço, das mãos do antigo administrador Lourenço d'Anvers Pacheco. (1)

Apezar de tudo, a grossa fazenda acumulada pelos Soares foi-se adelgaçando e depauperando. Em 1784 ainda não se tinha amortisado a quantia de 6:490$000 réis que o morgado devia á Misericordia, desde 26 de agosto de 1752, augmentada ainda dos juros de trinta e dois annos. (2)

A derrocada era infalivel e em 1816 o solar dos Soares passou, por compra, á posse do estado que já o trazia de aluguer desde 1768 e onde fôra instalada a Real Oficina Tipográfica, creada por decreto de 24 de dezembro desse mesmo anno, antecessora da Imprensa Regia e depois Imprensa Nacional.

* * *

Algumas palavras sobre os antepassados da Real Oficina.

Antes da creação deste estabelecimento todos os documentos e papeis oficiaes eram impressos em oficinas particulares, licenceadas devidamente e gosando de excepcionaes privilegios: eram os impressores régios.

Não só o estado, bom é de frisar, tinha á sua conta este outro privilegio. Outros estabelecimentos, como por exemplo a Academia Real de Historia, o gosavam identicamente imprimindo as obras, cuja publicação promoviam, em oficinas certas e escolhidas entre as mais afamadas de Lisboa.

Seria longa a lista dos impressores que mais se notabilizaram. Entre os que, do estrangeiro, vieram para o nosso pais implantar e cultivar a arte de Gutenberg podem apontar-se como mais notaveis Cromberguer, Germão Galharde, Hempris, Bonhomini, Craesbeck e Deslandes. Entre os nacionaes distinguiram se Antonio Alvares, João do Barreiro, Manuel de Lira e tantos outros. El-rei D. Manuel protegeu nobremente a arte tipografica e honrou com bem cabidas distinções os estrangeiros que para cá vieram exerce-la. A Jacob Cromberguer, que, em 1508, veio da Allemanha, foram concedidos bastos privilegios a que não faltou a dignificação nobiliarchica de cavalleiro da Casa Real. Depois vieram os Craesbecks, que fundaram em Portugal uma verdadeira dinastia tipografica, cujo tronco foi Pedro Craesbecks, e os Deslandes que imitaram misturando ao seu sangue o sangue dos *la Coste*, outra estirpe da mesma nobresa.

Sobre este assumpto já se discreteou largamente, e a arvore artistico genealogica dos famosos impressores já está suficientemente estudada e comentada para que eu lhe vá de novo analisar o bracejamento dos ramos, que se ramificaram até nossos dias como, em Veneza, os Caldos, e na Holanda, os Elzevires.

Os impressores régios foram, pela sua ordem, os seguintes: Pedro Craesbeck; Lourenço Craesbeck, seu filho; Antonio Alvares; Henrique Valente de Oliveira; Antonio Craesbeck de Mello; Miguel Deslandes; Valentim da Costa Deslandes; Pascoal da Silva e José Antonio da Silva, seu filho.

* * *

Os nossos monárcas, extremadamente D. João V, protegeram a utilissima arte, demonstrando louvavel curiosidade em ver funcionar os prelos que, para esse fim, algumas vezes foram ao paço, em tempo do magnanimo soberano.

Numa dessas experiencias se compoz, á vista de el-rei, um soneto alegórico, da lavra do conde de Tarouca, e que, sob o nome de *soneto extemporaneo*, constitue hoje não só uma raridade bibliografica como tambem um documento valioso de quanto D. João V se interessava pelo desenvolvimento daquella arte, estimulando os artifices com a sua presença e o seu aplauso.

Opinam alguns que o prelo não fôra dessa vez ao paço mas sim que fôra el rei que visitára a oficina de Valentim Deslandes e ahi se imprimira o soneto. Em favor, porém, da primeira hipotese militam argumentos e considerações de maior peso. A ella se inclina o sr. Xavier da Cunha, nas suas *Impressões Deslandesianas* excelente livro da especialidade. Com a sua opinião vou tambem e vou na mais segura companhia.

Uma nota ainda:

(1) Processo 1328-7 da coleção *Desenbargo do Paço* (Extremadura e côrte) — Torre do Tombo.
(2) Processo 2116-6, idem idem.

A primeira terra portugueza onde se usou da invenção de Gutenberg, foi Leiria. O primeiro volume impresso foi o livro das *Trovas do Infante D. Pedro* que não traz data, declarando porém no texto ter sido impresso nove annos depois da descoberta. O primeiro que apareceu, convenientemente datado foi a edição dos *Prophetas* de 1494.

* * *

Criada a oficina tipográfica, principiou el-rei D. José, ou antes o seu primeiro ministro e os seus ignorados cooperadores na grande reforma dos estudos, a conceder-lhe privilegios que a amparassem na sua infancia e a colocassem em estado de progredir.

O plano da fundação, não se limitava a crear uma oficina tipográfica, visava mais alto e propunha se a organisar um estabelecimento onde se praticassem todos os processos relativos a esta arte.

Uma das primeiras medidas, tomadas pelo governo a que presidia Pombal, foi a anexação da oficina tipográfica de Miguel Menescal da Costa e da fabrica de caractéres da imprensa de Jean de Villeneuve, impressor da Academia Real de Historia, que elle fundára ha annos em Lisboa e que, por esse tempo, estava a cargo do estado, debaixo da direção da Junta po Comercio (1).

O decreto que promoveu estas anexações, o mesmo que creou a Real Oficina, traz a data de 24 dezembro de 1768.

A direção da nova Imprensa compunha-se de um director geral, o qual era de nomeação regia, de um deputado da Junta do Comercio ou das Companhias do Grão Pará e de Pernambuco e de um administrador que deveria ser escolhido entre os impressores de maior nomeada.

Por carta regia de 7 de fevereiro de 1769, afim de acudir ás instantes necessidades de instalação, foi determinado que o cofre da Universidade de Coimbra emprestasse ao da Imprensa Regia a quantia de quarenta contos de réis.

Com este valioso auxilio é que se iniciou o funcionamento da oficina e se pagaram as primeiras despezas, incluindo a renda do edificio que era de setecentos mil réis, conforme se estipulára com D. Rodrigo Antonio de Noronha.

Nesse mesmo anno se fechou um contrato com Lourenço Solésio, fabricante de cartas de jogar e de papelões, para elle estabelecer em Portugal aquellas manufacturas, cuja confirmação se fez por alvará de 31 de julho, ficando taes fabricas anexadas á Imprensa Regia e sob a direção da Junta do Comercio até o anno de 1778 em que foi transferida essa superintendencia, por decreto de 22 de abril, para a Direção da Real Fabrica das Sedas (2).

Esta fabrica de cartas de jogar desde 1769 até o ultimo de dezembro de 1775 deu mais de desoito contos de réis de rendimento, circumstancia esta que permitiu á Imprensa Regia accudir ás necessidades pecuniarias da Fabrica das Sêdas sua proxima visinha.

* * *

Havía então em Lisboa duas fabricas de caractéres tipograficos o que era mais do que suficiente se estivessem bem organisadas. Em toda a Gran-Bretanha havia apenas uma (em Londres) e chegava bem para as multiplas exigencias de todas as oficinas tipográficas d'esse país.

Eram essas fabricas, ambas fundadas no reinado antecedente, respectivamente pertencentes á Academia Real de Historia e á viuva de Henrique José Belingue, português de nação, embora o seu nome atrapalhe um pouco a justificação dessa nacionalidade. Da primeira era mestre, Jean de Villeneuve, francês, natural de Besançon, mas português pelo coração como elle proprio se confessa n'um discurso laudatorio, dirigido á Junta do Comercio, emoldurado em vinhêtas e outros ornatos tipográficos (1).

A fabrica do Belingue, por ocasião do terremoto teve, como a do Villeneuve, consideraveis prejuizos. Pela destruição de grande quantidade de tipo foi enorme a concorrencia de impressores em busca dos caratéres que lhe faltavam, tornando-se necessaria a intervenção do governo para regularizar esse fornecimento aos reclamantes.

(Continúa.) G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) Ficava esta fabrica situada na cerca da confraria do Espirito Santo de S. Sebastião da Pedreira.

(2) Foi esta a primeira fabrica de cartas de jogar — Anteriormente vinham de Hespanha e de Flandres e já no seculo XVI se usava dellas como se infere de muitas passagens de Gil Vicente. Antonio Prestes, Chiado e outros autores. Chamavam-se, porem, *naipes*.

O *Diabo*, no *Auto da Feira*, diz:

«... E trago de Anduluzia
«Naipes com que os sacerdotes
«Arrenegam cada dia
«E jogam té os pelotes.»

(1) Essa moldura é em forma de portal terminando em frontão no meio do qual se veem as armas reaes — E um curioso especime de arquitetura tipografica.

O PROFESSOR DEMETRIUS POSDNEEFF

DICCIONARIO JAPONEZ-RUSSO

Pelo Professor Demetrius Posdneeff

O professor Demetrius Posdneeff, amigo de Portugal e de cousas portuguêsas, acaba de publicar um *Diccionario Japonez-Russo*, merecendo as mais elogiosas referencias de toda a imprensa do Extremo Oriente.

Palavras de origem portuguêsa, taes como *banko* (banco), *konpeito* (confeito), *koppu* (copo), *furasuko* (frasco) e outros encontram n'elle logar proeminente, fazendo nos recordar que se a influencia portuguêsa, no Japão, está hoje diminuida, esses vacabulos, como monumentos indestrutiveis, ainda atestam a sua antiga supermacia.

Damos em seguida algumas notas biographicas do distinto autor.

O professor Posdneeff é filho dum padre scismatico e nasceu em 1865 na cidade de Orel, no sul da Russia.

Desejando primeiramente abraçar a vida eclesiastica, cursou as aulas do seminario d'Orel e, ganhando a bolsa do governo, foi em 1885 enviado ao Collegio Eclesiastico em Kiev, onde concluiu os seus estudos em 1889.

Porém, nesta época, resolveu-se a abandonar a carreira a que se destinava e entrou na escola de Linguas Orientaes em S. Petersburgo afim de aprender a lingua china. Ahi ganhou tres medalhas d'ouro pelas seguintes theses que apresentára:

Historia do Turkestan Russo;
Geographia e Historia da Mongolia;
Historia de Ouigurs.

Pouco tempo depois, publicou a *Historia do Christianismo na Asia Central ao 18.º seculo.*

Durante os annos de 1893 a 1894 esteve em Londres e Paris em viagem de instrucção.

Voltando para a Russia, foi nomeado professor da 2.ª cadeira da faculdade de Historias Orientaes. Ao mesmo tempo, desempenhava o logar de oficial do Ministerio da Fazenda (secção oriental) sob as ordens do Conde Witte e exercia o cargo de professor de geographia comercial do Extremo Oriente na Escola Superior do Comercio em S. Petersburgo.

Serviu como um dos secretarios no Congresso de Orientalistas em Paris, em 1897, e elaborou os estatutos do Colegio de Linguas Orientaes em Vladivostock de que veiu a ser fundador.

Sendo enviado para a China em 1898, como dirétor do Banco Russo-Chinez e sub-chefe da administração os Caminhos de Ferro da Mandchuria, foi agraciado pelo governo chinez com a venera de Dragão de 3.ª classe.

Tomou parte na defesa das legações em Peking contra os boxers, servindo como chefe dos voluntarios russos, e obteve por esse feito o habito e as espadas de S. Waldemar de 4.ª classe.

Emquanto na China, foi nomeado delegado do governo russo e assignou a convenção aduaneira de 1902 com a China que foi representada naquella ocasião pelos ministros Wuting-fang e Lu-Hai-Wan.

Viajou na China por mais de um anno afim de estudar questões comerciaes.

Regressando a Peking em 1904, foi, durante a guerra russo-japoneza, nomeado dirétor do Instituto Oriental em Vladivostock como o representa a gravura que publicamos.

Em 1905, veiu para o Japão a fim de estudar o japonez e lá se conserva ainda, tendo já editado varias obras sobre a lingua japoneza, inclusivé o diccionario de que damos noticia.

Falla inglez, francez, chinez e japonez, além da sua propria lingua; e com entusiasmo se entrega agora ao estudo da lingua portuguêsa.

O MEZ METEOROLOGICO

Julho 1908

Barometro. — Max. altura 766mm,7 em 17.
» Min. » 760mm,2 em 11.
Thermometro. — Max. altura 38º,1 em 29.
» Min. » 14º,8 em 15.

A temperatura que se conservara baixa e subira acima de 30º, apenas em um dia (21 julho — Max. 30º,8) até 27, subiu despropositadamente a partir d'este dia. Em 27, a maxima que era de 27º,1, chegou em 28, a 35º,6. e em 29, a 38º,1. Esta maxima apenas foi excedida desde a fundação do observatorio, uma unica vez, em 29 de julho de 1876 (38º,8) o que equivale a dizer que ha 32 annos não supportavamos em Lisboa, uma temperatura tão elevada. Em 30, baixava já a maxima a 32º,6 e em 31, a 26º,8.

Chuva — Não se registou.
Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 29 dias.
» Nublado 2 dias.
Vento dominante — N. fraco.

OS PESCADORES DA COSTA DE CAPARICA

(Instantaneos do sr. Alberto Lima)

Na Costa de Caparica, onde vivem cêrca de 4:000 pescadores, deu-se uma grave occorrencia na madrugada de 3 do corrente. Os da Costa, surpreendendo quatro galeões e um buque com pescadores de Setubal a pescarem dentro das aguas reservadas pela capitania aos pescadores da Costa, foram estes em dois galeões com 60 homens, ao seu encontro e aprisionaram os de Setubal, metendo-lhe dois galeões e o buque no fundo, e cortaram-lhe as redes. Os pescadores de Setubal foram conduzidos para a praia, onde desembarcaram e seguiram para a sua terra, sem que os da Costa os maltratassem. Os prejuizos calculam-se nuns 15:000$000 de réis.

Não é a primeira vez que se dão estes casos entre os pescadores de Setubal e os da Costa. Ha uns vinte annos deu-se conflito semelhante, e oxalá não se repitam, para que não surjam consequencias funestas.